

Homenagem a RICARDO SALGADO (1977-2024)

por Roberto
Novaes, Professor
da FDCE/UFMG e
Coordenador do
Curso de Ciências
do Estado



Ricardo Salgado foi Professor
adjunto da FDCE e membro
do Corpo Permanente do
PPGD-UFMG



HOMENAGEM AO PROFESSOR RICARDO SALGADO

Roberto Novaes¹

¹ Roberto Vasconcelos Novaes é bacharel, mestre e doutor em Filosofia do Direito pela Faculdade de Direito da UFMG. Atualmente, é professor adjunto na mesma instituição e coordenador do curso de Ciências do Estado. Sua carreira acadêmica é profissional combina estudos jurídico-filosóficos e longa experiência em desenvolvimento e implantação de softwares de gestão, bancos de dados e ferramentas de análise de informação. Suas temáticas acadêmicas e profissionais se localizam na interseção entre Direito, Ciência da Computação, Sistemas de Informação e Teoria do Estado. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7849-0113>. E-mail: rnovaes@gmail.com.

Revista do Centro Acadêmico Afonso Pena, Belo Horizonte, Vol. 30, N. 2, 2025

Editor responsável: Otávio Morato

ISSN (impresso): 1415-0344 | ISSN (online): 2238-3840

* A Revista do CAAP agradece as colaborações dos Professores Karine Salgado, Renato Cardoso e Roberto Novaes e dos egressos Valesca Santana e Diego Manenti.

Ricardo Henrique Carvalho Salgado, nosso querido Salgadinho, deixou-nos há um ano. Sua presença marcante permanecerá viva nas memórias de todos nós que tiveram a sorte de conviver com ele. Não era “Dr. Ricardo” ou “Professor Ricardo”. Era, simplesmente, Salgadinho, apelido que traduzia não apenas a intimidade que inspirava, mas também a leveza e o calor humano que o caracterizavam.

Conheci Salgadinho nos corredores da Faculdade de Direito da UFMG, quando ele estava um semestre à minha frente na graduação. No começo, apenas “filho do Salgado” e aquele da Atlética e do Atlético. Um homem enorme, com 1,95 de altura. Impossível passar despercebido. Vozeirão eloquente que preenchia todo o ambiente. Depois, grande amigo. Nossas trajetórias se cruzaram de forma indelével. Dizem que um homem tem sorte se contar em duas mãos os amigos que tem. Eu não sou tão sortudo. Conto numa mão só e olhe lá. Mas nestes poucos dedos ele está. Fizemos juntos o mestrado e o doutorado em Filosofia do Direito: ele mergulhado na hermenêutica, eu nos estudos sobre Platão. Foram anos de convivência intensa, de debates apaixonados e de companheirismo acadêmico, que se transformaram em amizade sólida e duradoura.

Salgadinho foi um daqueles professores que construíram sua carreira com sacrifício e dedicação. Foi substituto na UFMG, primeira experiência docente de vários da nossa geração, numa época em que recebíamos valor simbólico como remuneração. Mas valia a experiência de lecionar pela primeira vez, normalmente para alunos que conhecíamos, nossos colegas calouros. Prosseguiu na carreira: viajava semanalmente até Leopoldina, na zona da Mata mineira, para lecionar na Faculdade Doctum. O percurso era longo e cansativo, estrada que encontrei uma vez para encontrá-lo, chacoalhando demais, especialmente depois de Barbacena. Ele encarava o desafio com bom humor. Hospedava-se, como tantos outros docentes itinerantes, na “casa dos professores”, experiência que, para muitos, seria apenas penosa, mas que ele transformava em histórias divertidas sobre encontros pitorescos.

Mais tarde, consolidou-se como docente no UniBH, instituição à qual dedicou muitos anos de sua vida. Lá fomos também colegas por essas coincidências da vida. Aprovado na UFMG em 2008, tornou-se da Casa de Afonso Pena professor, na graduação e na pós. Contou com muitos orientandos-amigos, de TCC, de mestrado e doutorado. Não foi apenas mestre, mas também gestor, tendo assumido a chefia do Departamento de Direito do Trabalho e Introdução ao Estudo do Direito, nomes maravilhosos que a burocracia inventa, mas para nós apenas DIT. Na função, mostrou seu talento de conciliador: conseguia lidar com as tensões diárias de professores e alunos, nem sempre fáceis de administrar, com uma serenidade admirável. Aluno é um bicho difícil, professor mais ainda. Querido pelos servidores. Era firme sem ser ríspido, compreensivo sem ser condescendente. Esse equilíbrio foi uma de suas marcas pessoais e profissionais. Ficou por lá um tempão.



Ricardo Salgado (último à direita) na banca examinadora da tese de doutorado de Arhtur Nadú Rangel, em agosto de 2023. Da esquerda para direita, os Professores Paulo Roberto Cardoso, Letícia Kreuz, Joaquim Carlos Salgado e Henrique Carvalho Salgado.



Ricardo Salgado (ao centro) na banca de defesa de dissertação da sua orientanda Valesca Silva Santana, ao lado dos Professores Daniel Carreiro Miranda (ao fundo) e Raphael Silva Rodrigues. Setembro de 2023.

A vida de Salgadinho foi muito além da sala de aula. Aliás, as memórias dele que para mim ficam são mais as de fora do ambiente acadêmico, se me permitem a sinceridade. Foi um homem de encontros, de rodas de amigos, grupos que nunca paravam de crescer e que se misturavam a partir dele, o denominador comum. Peço desculpas a todos os amigos pela omissão, mas é proposital. Impossível citar alguém sem deixar outrem de fora, para seguir o chavão. Sua alegria estava nos churrascos da casa de sua mãe, a Dona Dorinha, nas tardes de cerveja no Haus München, nas noites do Chalezinho, lugares que o tempo já levou, mas que se perpetuam em nossas lembranças não pelos locais em si, mas pelos momentos neles vividos com ele.

HOMENAGEM AO PROFESSOR RICARDO SALGADO
Roberto Novaes



Com o pai, o Professor Joaquim Carlos Salgado



Ricardo Salgado e o Professor Renato Cardoso

Sua generosidade era singular: gostava de agradar, de receber bem, de tornar cada encontro especial. Nunca por servilismo, mas por prazer genuíno em ver as pessoas à sua volta felizes. Talvez por isso sua turma de companheiros fosse sempre tão numerosa e diversa. Havia os do Colégio Pitágoras, do Ginástico onde jogou basquete na adolescência, da Rua Dante no São Lucas, do Uni-BH, da UFMG. Onde quer que estivesse, Salgadinho levava consigo uma capacidade rara de criar laços que permaneciam. Rara mesmo. Única. Não é papo de eulogia.

Foi também no UniBH que entrelaçou sua história com Carol, que fora sua aluna e com quem construiu vida a dois repleta de afeto. Dessa união nasceu Marina, sua filha querida, seu maior orgulho e fonte de alegria.

Apesar de toda a dedicação à docência, alimentava um sonho antigo: ser locutor esportivo, para acompanhar de perto os jogos do Galo. Quem conviveu com ele sabia do entusiasmo com que falava de futebol e da paixão adolescente que dedicava ao clube. Pobre do cruzeirense que tinha que suportar seus argumentos típicos da racionalidade futebolística. Não importava o desempenho do clube na ocasião. Diante de qualquer problema, sempre se consolava com o dito: “ainda bem que existe o Galo!”.

Nossos caminhos se cruzaram também em muitas viagens, lembranças preciosas. Estivemos juntos em São Paulo, Leopoldina, Ouro Branco, Curvelo, Guarapari e até no sítio do Tio Lúcio, no bairro Veneza, em Ribeirão das Neves. Em cada jornada, confirmava-se o que todos já sabiam: Salgadinho era o amigo leal, o companheiro de estrada que tornava qualquer percurso mais leve, fosse ele longo ou breve.

A partida de Salgadinho deixa uma lacuna difícil de descrever. Mas sua lembrança permanece como herança afetiva e moral. Ele nos ensinou que é possível viver com alegria, com generosidade, com humor, sem abrir mão do rigor intelectual e

HOMENAGEM AO PROFESSOR RICARDO SALGADO
Roberto Novaes

da seriedade profissional. Foi professor, colega, gestor, filho, pai, marido, amigo, mas, acima de tudo, foi presença luminosa.

Desejo recordá-lo assim: sorridente, conciliador, generoso, apaixonado pela vida. Salgadinho se foi, mas deixou em cada um de nós centelha de sua alegria e de sua amizade.



Ricardo Salgado (1977-2024)

Belo Horizonte, novembro de 2025.